

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC  
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais  
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo  
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado  
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)  
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)  
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras  
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat  
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)  
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira  
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)  
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»  
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?  
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça  
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)  
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoá 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular  
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas  
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias  
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente  
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal  
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)  
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ( $\Delta^{13}C$ ) em sedimentos de sítios arqueológicos  
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)  
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)  
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida  
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar  
Ana Cristina Ribeiro

## 2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto  
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR  
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo  
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português  
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)  
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros  
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave  
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio  
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro  
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro  
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)  
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)  
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)  
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.  
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands  
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR  
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

### 3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”  
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio  
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)  
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)  
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica  
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*  
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022  
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco  
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela  
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)  
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia  
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café  
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)  
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n<sup>os</sup> 8/10  
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio  
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)  
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial  
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana  
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)  
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)  
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas  
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal  
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)  
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo  
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários  
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira  
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana  
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso  
Gil Vilarinho

#### 4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)  
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)  
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo  
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas  
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico  
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus  
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra  
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora  
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra  
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)  
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna  
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)  
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material  
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas  
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

## 5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva  
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino  
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende  
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno  
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro  
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno  
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)  
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)  
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre  
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal  
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)  
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias  
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa  
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso  
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada  
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso  
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação  
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha  
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama  
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa  
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)  
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia  
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)  
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)  
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)  
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares  
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa  
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)  
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?  
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora  
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação  
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)  
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade  
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz  
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria  
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

## 6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal  
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)  
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação  
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)  
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora  
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX  
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama  
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José  
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)  
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades  
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão  
Joel Santos / Susana Pacheco

## 7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica  
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa  
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa  
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarida Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa  
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)  
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).  
Informação empírica e hipóteses interpretativas  
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)  
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)  
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes  
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)  
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

## **8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática**

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico  
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história  
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas  
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023  
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo  
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos  
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)  
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica  
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória  
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa  
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade  
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?  
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte  
Pedro da Silva / Inês Moreira

### **9. Historiografia e Teoria**

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface  
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História  
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia  
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema  
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego  
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica  
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses  
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos  
Célia Nunes Pereira

### **10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património**

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica  
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos  
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino  
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**  
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***  
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**  
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**  
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**  
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**  
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**  
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**  
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**  
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**  
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**  
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**  
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**  
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**  
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**  
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**  
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**  
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos



# PEÇAS ANTROPOMÓRFICAS DA NECRÓPOLE MEGALÍTICA DE ALTO DE MADORRAS. ABORDAGEM PRELIMINAR AO SEU ESTUDO E VALORIZAÇÃO NO ÂMBITO DO PROJECTO TSF<sup>1</sup> – MURÇA

Maria de Jesus Sanches<sup>2</sup>, Maria Helena Barbosa<sup>3</sup>, Nuno Ramos<sup>4</sup>, Joana Castro Teixeira<sup>5</sup>, Miguel Almeida<sup>6</sup>

## RESUMO

Revelam-se neste texto os resultados preliminares do estudo de duas peças antropomórficas, provenientes da necrópole megalítica de Alto das Madorras que se localiza na fronteira dos concelhos de Murça e Alijó (Trás-os-Montes). São elas um esteio-estela antropomórfica da Mamoa 4 e uma placa sub-rectangular da Mamoa 8, depositada no Museu Nacional de Arqueologia, esta conhecida correntemente na bibliografia como “ídolo”. Em ambas se procedeu ao registo 3D. Sendo as duas antropomórficas e provenientes de duas mamoas muito próximas, é discutida aqui a pertinência da comparação entre o motivo sub-rectangular gravado no esteio-estela e a placa, sendo adiantado que estas peças e desenhos – gravuras e pinturas –, sem deixar de personificar entidades muito características do mundo megalítico peninsular e bretão, parecem ter a sua tradução em objectos reais. O texto chama ainda a atenção para a necessidade dum estudo mais apurado desta necrópole, “explorada”, já no final do séc. XIX, com métodos que não se adequam ao questionamento científico actual. E insiste na necessidade de, no âmbito do Projecto TSF, criar territórios temáticos que abranjam as necrópoles e monumentos neolíticos e calcolíticos, conectando as comunidades locais com a sua ancestralidade.

**Palavras-chave:** Neolítico-Calcolítico; Tumuli-Dolmenes; Esteios-estelas antropomórficas; Registo fotogramétrico; TSF.

## ABSTRACT

The aim of this text is to present the preliminary results of an ongoing study of two anthropomorphic stone elements from the Alto das Madorras megalithic necropolis, in border between Murça and Alijó municipalities (Trás-os-Montes, Northern Portugal). The two stone elements are: an anthropomorphic orthostate-stelae from Dolmen 4 and a sub-rectangular granite slab from Dolmen 8, formerly referred to as an «ídolo» and presently deposited in the National Museum of Archaeology. Both stone elements have now been 3D recorded. Considering that both are anthropomorphic and found in nearby megalithic monuments, this paper discusses the relevance of the analogy between the sub-rectangular engraved motif of the orthostate-stelae and the granite slab itself. We propose that such engraved or painted motifs relate to real objects, while they also personificate characteris-

1. Projecto TSF – Territórios Sem Fronteiras [Promove Call 2021-2022 / PV21-].

2. FLUP e CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (I&D 4059 da FCT) / mjsanches77@gmail.com

3. CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (I&D 4059 da FCT) / FLUP; FCT (SFRH/BD/129089/2017) / mariahelena.lo.barbosa@gmail.com

4. Morph – Geociências.

5. CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (I&D 4059 da FCT) / FLUP; FCT (2020.06831.BD) / joanacastroteixeira@gmail.com

6. Dryas / Octopetala / miguel.almeida@dryas.pt

tic «entities» of Iberian and Breton Megalithism. Moreover, we aim to stress the importance of complementary studies of the Madorras necropolis, originally «explored» at the end of the 19<sup>th</sup> century, using methods unable to respond to nowadays scientific requirements. Lastly, this text emphasizes the importance of enriching the current landscapes with historical knowledge, including from Neolithic and Chalcolithic necropolis and monuments, thus fostering modern local communities' relationship with their ancestors through cultural landscapes.

**Key words:** Neolithic-Chalcolithic; Tumuli-Dolmens; Anthropomorphic orthostate-stelae; Photogrammetric record; TSF.

## 1. PREÂMBULO<sup>7</sup>

O esteio-estela e a placa antropomórfica sobre os quais aqui nos debruçamos, ainda de modo muito preliminar, provêm de escavações arqueológicas realizadas no final do séc. XIX em duas mamoa da necrópole megalítica de Alto das Madorras: a Mamoa 8 e a Mamoa 4.

Esta necrópole é atravessada pela divisória dos concelhos de Murça e Alijó, sendo mencionada na bibliografia mais antiga como “antas de Perafita”, sendo Perafita a aldeia de Alijó que lhe é adjacente a NE (Fig. 1: A). Alto das Madorras/Arçã/Cabeço do Carvalho é a denominação dada nos nossos trabalhos científicos recentes (desde 1998)<sup>8</sup>. Muitas vezes esta área é também referenciada como “Serra” de Madorras ou mesmo Planalto do Pópulo. Por comodidade, mantemos o nome simplificado: Alto das Madorras. A escavação de diversas “antas” por Henrique Botelho, que publicou em 1898 (Botelho, 1898) – na senda da caracterização das “cryptas ou câmaras” e da recuperação dos seus materiais arqueológicos –, e (em 1896) do igualmente elevado número (talvez 14) de mamoa escavadas de modo organizado, árduo, continuado e até dispendioso, pelo povo de Perafita sob a batuta do seu regedor (na busca de tesouros), têm valor significativo para a História da Arqueologia, mas não é esse o objeto deste texto. Mesmo assim, cabe sublinhar que H. Botelho compara já esta necrópole (ou região dolménica), na sua importância, à de Vila Pouca de Aguiar (mais conhecida por Chã de Arcas, ou Necrópole do Alvão), referindo-as como as mais importantes do distrito de Vila Real (onde o autor era, à data, governador civil). Assim sendo, as informações contextuais mais relevantes que aqui usamos encontram-se no supracitado texto de H. Botelho (1898).

7. Este texto não segue o acordo ortográfico de 1990.

8. Projecto LAMARL- Levantamento Arqueológico de Murça e Área Adjacente à Ribeira de Lila (1998-2001) – PNTA.

Por coincidência, tanto a mamoa 8 como a 4 se situam no concelho de Murça (freguesia de Fiolhoso); porém, é como conjunto unitário que a necrópole está classificada como SIP, abrangendo o território de ambos os concelhos (Vila Verde/Perafita – Alijó; Fiolhoso – Murça).

Circunstâncias diversas, de entre as quais destacamos a entrega deste texto para publicação a alguns meses da ocorrência do respectivo congresso, não nos permitem apresentar estudos que se encontram em curso, como a caracterização geológica/petrográfica, análises químicas e outras, sobretudo no que respeita à caracterização dos pigmentos vermelhos que uma das peças claramente exhibe.

Ainda assim, justifica-se a divulgação de ambas as peças pois estas revelam figuras com elevado grau de abstracionismo, muito tipificadas nos seus atributos entendidos como antropomorfos, seja pela configuração escultórica, seja pela presença, em ambas, de elementos que remetem para a importância da representação de correias e/ou adornos pendurados a partir da parte superior do corpo. Elas dão ainda um substantivo contributo para o conhecimento de recursos materiais e ideográficos, coerentes com práticas comunitárias do domínio do extraordinário nas comunidades neolíticas desta região – do 4<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> milénios a.C. – mormente as que se relacionam com a centralidade que os ancestrais têm no imaginário colectivo, mas que, nem por isso, deixam de encontrar “ecos” formais ou visuais noutros contextos não funerários coevos, como seja o da arte rupestre regional.

Apoia-se ainda na necessidade, cada vez mais presente, de recuperar para as comunidades do presente, particularmente de Murça e Alijó, o sentido de que a sua terra os presenteou com monumentos imponentes que venceram a passagem dos anos, séculos e milénios inteiros. E que, mesmo estando, como é esperado, em graus de destruição diferenciados, apelam à preservação da ruína enquanto repositório essencial desse paradoxo que é irrepresentável.

sentável: o tempo. Somente o estudo arqueológico multidisciplinar permitirá abordar naqueles terrenos e paisagens com mamoaas as vivências humanas desaparecidas. Tal desiderato contribuirá para enriquecer qualitativamente o sentimento de afecto e de orgulho pelas terras onde, com toda a familiaridade, semeiam centeio, cortam mato para o gado, plantam árvores, circulam de uns lugares para outros ou, simplesmente passeiam nos tempos livres (Fig. 1: B).

Por conseguinte, coincide esta publicação com um dos objetivos do plano de educação patrimonial do projeto TSF – Territórios sem Fronteiras, que incide sobre um território, definido pelo Alto Tâmega e Tinhela, que apresenta um assinalável potencial de exploração do seu capital simbólico. Na visão deste projecto, a valorização deste capital simbólico depende de um esforço de densificação do conhecimento histórico para promoção da distintividade dos recursos endógenos e consequente promoção do reforço da consciência histórica, coesão territorial, desenvolvimento cultural e apropriação da herança cultural pelas populações locais.

## 2. AS PEÇAS E SEUS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS NA NECRÓPOLE DE ALTO DAS MADORRAS

A necrópole de mamoaas megalíticas e não megalíticas de Alto das Madorras, na atualidade classificada como SIP, é entendida ainda hoje, como uma das maiores necrópoles megalíticas de Trás-os-Montes ocidental, não somente pelo número e concentração de monumentos, mas igualmente pelas inusuais dimensões de pelo menos duas das suas mamoaas – as Madorras (ou Madornas) grandes (Nunes, 2003: XVIII) (Fig. 1:A). Situada num agreste e elevado planalto granítico (900m) que se desenvolve orograficamente entre a Veiga de Perafita (Alijó) e o Pico da Asnela (Serra da Padrela), a ocidente, a necrópole interrompe-se, a oriente, nas encostas acidentadas e abrigadas do rio Tinhela (Fiolhoso). Conserva ainda 18 mamoaas (talvez 19), reconhecidas no âmbito das prospeções e registos da viragem do 2º milénio DC (Sanches *et al.* 2001; Nunes, 2003; Sanches e Nunes, 2005), sendo que aqui se juntam mamoaas de maiores dimensões, maioritariamente “megalíticas” e um grupo mais pequeno de cinco (talvez seis) *tumuli* baixos, aparentemente não megalíticos e provavelmente mais tardios, da Idade do Bronze (grupo de Cabeço Carvalho). Porém, segundo o mapa e os textos publi-

cados por Henrique Botelho, esta necrópole teria, no final do séc. XIX, 34 mamoaas, das quais oito “já destruídas” (Botelho, 1898), que entendemos serem aquelas cujos dólmenes teriam sido desmantelados. Das resumidíssimas descrições das diversas mamoaas que escavou (contámos 11), destaca-se, pelo pormenor e pelo seu estado de conservação actual, a do dólmen K, que associamos à nossa Mamoa 8. Não é tão seguro que tenha sido ele a escavar a nº 4, que é também objecto deste texto, sendo possível que seja a que representa com o nº 5 (Botelho, 1898: mapa s/p). Situam-se ambas, a nº 4 e a nº 8, do lado nascente do estradão que atravessa o planalto no sentido S-N (Pópulo-Asnela) – que, por esse facto, lhes destruiu parte dos *tumuli* – e pertencem à freguesia de Fiolhoso (Murça), estando separadas por uma curta distância de 450m (Fig.1: B). No final do séc. XIX fariam parte dum alinhamento compacto de 14 mamoaas adjacentes a ambos os lados do caminho (Botelho, 1898, mapa s/p).

O motivo pelo qual foram seleccionadas neste estudo prende-se com o facto de na mamoa nº 8 ter sido recolhido um “ídolo” (paleta ou ídolo-placa, que passaremos a designar como placa), bastante citado em diversa bibliografia posterior (Jorge, 1982: 781-782) e a que deu cabal internacionalização a obra de E. Shee Twohig (Twohig, 1981:126-Fig. 12b) (Fig. 2: A e B); e de na mamoa nº 4 se ter identificado, no único esteio remanescente das “escavações” antigas (que intuímos pelo texto não serem da lavra de H. Botelho), uma gravura similar à daquela placa, estendendo-se a parecença da forma ao tamanho. Por seu turno, este esteio junta uma semelhança com outros esteios conhecidos na arte megalítica e cujos ornamentos lhe conferem um ar antropomórfico. Daí o nome de esteio-estela (Fig. 4 e Fig. 5: A).

Voltando ao Alto de Madorras, merece menção a descrição sucinta das condições espaciais, estratigráficas e associativas/contextuais da placa. Para não tornar o texto demasiado extenso, deixaremos aqui somente a nossa interpretação da descrição de H. Botelho (Botelho, 1898: 186-8).

Foi exumada pela equipa de H. Botelho no decurso da “exploração” do dólmen, que já estava “devassado” e sem tampa. Seria um pequeno e estreito dólmen de corredor (ou vestíbulo), podendo igualmente ter tido planta em V – sem distinção entre câmara e corredor em planta – mas clara distinção em alçado já que o corredor, formado por duas lajes e coberto por outras duas, se encontraria aparentemente bem conservado

do ponto de vista arquitectónico. A câmara, de 2,3m de altura, já não tinha tampa. Estava inserida esta arquitectura megalítica numa mamoa de “pequenas proporções” com 6 a 7 metros de diâmetro, que ainda se conserva<sup>9</sup>. Apesar de a “exploração” do dólmen só ter sido fisicamente possível porque arrancaram dois esteios (o que, a nosso ver, teria perturbado totalmente a sequencia estratigráfica), H. Botelho divide horizontalmente o espaço interior em dois compartimentos com base numa lousa (laje) que jazia horizontalmente na parte mais recuada, encostando aos esteios. Este seria (sob este estaria?) o “compartimento” mais pequeno, ou superior (com 30 a 35 cm de comprimento). O inferior corresponde a toda a restante área (livre) que ia da tal lousa ao corredor. É no “compartimento”, ou restrita área mais recuada da câmara – portanto, junto da laje de cabeceira que ainda ali se encontra <sup>10</sup> – que se “... encontrou uma pequena lousa de granito, com provas evidentes de que o fabricante já era um *artista* [itálico do autor], e duas facas de sílex muito perfeitas...” (Botelho, 1898:187)<sup>11</sup>, associação que pode ser pertinente, sem desconsideração pelos métodos de escavação da época. Acresce um fragmento de pedra avermelhada e (talvez) um pequeníssimo machado de sílex integralmente polido. Do compartimento maior provém uma enxó e um machado, ambos com gume polido, um cilindro (?), uma lasca de sílex, um polidor, um fragmento cerâmico, uma lasca e seis cristais de quartzo<sup>12</sup>. Esta “lousa de granito”, ou seja, a placa, é então desenhada, medida, descrita com pormenor, e, mais tarde, desenhada de novo a uma escala mais pequena, e entregue ao então Museu Ethnológico Português (Botelho, 1903: Fig.4a), onde ainda se

9. Cremos que, à data já teria sido afectada pelo caminho e outros cultivos pelo que a mamoa poderia ter um diâmetro maior.

10. É o esteio nº 3 da planta realizada por Susana Nunes (Nunes, 2003: Fig. 29). O levantamento topográfico está na Fig. 36.

11. Mais adiante diz que esta faca partiu em 3, e dela só restam 2 fragmentos.

12. À excepção do ídolo-placa não pudemos confirmar se estes materiais se encontram efectivamente no Museu Nacional de Arqueologia. Contudo, Fabregas Valcarce (Fabregas Valcarce, 1992: 367-368, cit por S. Nunes, 2003: XIX) descreve como proveniente deste monumento: um machado polido em xisto, um pequeno machado polido em anfíbolito, uma enxó polida em xisto, uma lâmina simples em sílex e sete prismas de quartzo.

guarda<sup>13</sup>. Já em 1898 é narrado que “... se nota uma falha na pedra, resultante de uma quebradura feita em Parafita, depois de tirada da anta.” (Botelho, 1898: 187), pelo que é lícito deduzir que estaria completa aquando da sua deposição (Fig. 2 e Fig. 3).

Dadas as condições de escavação, cremos que o que por ora interessa reter é que (i) a placa jazia na parte mais recuada da câmara, talvez junto da laje de cabeceira; (ii) ainda que com as reservas de não termos observado o restante espólio do monumento porque o Museu Nacional de Arqueologia se encontra em reorganização, o conjunto dos materiais que a acompanhavam é, *grosso modo*, concordante com cronologias megalíticas adentro da primeira metade do 4º milénio a.C., mormente da Mamoa 1 da Alagoa, para a qual se dispõe de datações absolutas mais seguras (Sanches e Nunes, 2004).

A Mamoa 4 de Alto das Madorras, observada após um incêndio, no âmbito do projeto LAMARL, exhibe um *tumulus* subcircular, com c. de 16,33 m no eixo N-S e 17,84 m no eixo E-W, podendo ter de altura 1,78 m (a altura do único esteio conservado) (Nunes, 2003: XIX). Apesar de ter uma enorme cratera onde se encontra um único esteio inclinado – que é objecto deste estudo – sugere poder ter sido um dólmen de corredor/vestíbulo, virado a nascente, já que o diâmetro da mamoa parece alongar-se mais nessa direção (Fig.1:B). Neste caso, o esteio-estela faria parte da metade esquerda da câmara, facto que somente a escavação, que tencionamos fazer, dilucidará. O anverso do esteio-estela, em granito, foi objeto de levantamento sobre fotografia (Sanches e Nunes, 2005: Fig. 13) e com recurso a plástico polivinilo, com luz nocturna (Nunes, 2003: Fig. 45), não sendo os registos absolutamente coincidentes, a não ser, sumariamente, no delineamento da “placa”. Na realidade, o esteio está exposto à intempérie (e onde pontuam frequentes incêndios), muito danificado, sendo difíceis de interpretar as suas gravuras e outras pertinentes singularidades, pelo que se exigia um segundo registo com métodos mais atualizados e detalhados, com discriminação cabal das “faltas” de material, o que está em curso, mas não foi possível concluir a tempo da redação deste texto.

13. A peça tem a seguinte marcação: no anverso, “9616.”; no reverso, “5.594/cont. 1126/volt.1/PERAFITA”. Agradecemos ao Sr. Dr. António Carvalho, Diretor do MNA por nos ter facilitado a sua observação e estudo, que se realizou em 14 de Março de 2023.

Dado que toda a Mamoa 4 e o esteio estavam de novo completamente ocultos por vegetação, por vezes com cerca de 3 m de altura (giestas, tojo e urze), o estudo que agora se iniciou teve de ser precedido duma desmatação manual, implementada pelo Município de Murça.

### 3. RESULTADOS DO PRESENTE ESTUDO

#### 3.1. O método

A combinação de diferentes técnicas e o desenvolvimento de métodos de digitalização 3D permitiram atingir os resultados aqui exibidos. O modelo tridimensional da placa da Mamoa 8 de Alto de Madorras foi obtido através de fotogrametria digital (*Structure-from-Motion with Multi-View Stereo*) (Ramos, 2021) de onde foram geradas ortoimagens de alta resolução e modelos sombreados a partir da microtopografia da peça. As ortoimagens foram ainda objecto de tratamento da cor, possibilitando destacar tons invisíveis a olho nu através da aplicação de algoritmos de correlação de cor (Gillespie *et al.*, 1986; Alley, 1996). Por sua vez, o esteio da Mamoa 4 de Alto de Madorras foi digitalizado através de técnicas de *laser scanning*, fotogrametria e aerofotogrametria com recurso a drone que são actualmente referência na documentação de património histórico-arqueológico (Jaillet *et al.*, 2017; Luhmann *et al.*, 2020; Yang *et al.*, 2023). O levantamento aéreo serviu de reconstrução à envolvente do esteio, permitindo-se observar, inclusivamente, a mamoa. O levantamento laser serviu somente de base à aquisição da geometria do esteio, adquirindo as suas dimensões reais com uma precisão milimétrica, bem como a sua inclinação. Por fim, foi realizado o levantamento fotogramétrico que possibilitou obter num modelo 3D a superfície da rocha com elevada qualidade gráfica e resolução, aplicando-se um fluxo de trabalho em gabinete semelhante ao da primeira peça.

#### 3.2. A placa da Mamoa 8 de Alto de Madorras

A placa é ao mesmo tempo um artefacto de arte móvel e uma figura antropomórfica de tipo placa dupla, pelas razões que de seguida aduzimos no decurso da descrição.

Trata-se de uma peça escultórica em granito fino, de muito boa qualidade, cuidadosamente polida em todas as suas faces. De formato subquadrangular, com 24 cm de largura, 27,9 cm de altura até ao arranque da protuberância distal, tem de altura total 28,7 cm.

As secções transversais e longitudinais são plano-côncavas (Fig. 2: A). Na parte inferior tem quatro chanfraduras bem marcadas, internamente polidas na sua depressão côncava e bem visíveis em ambas as faces, que lhe conferem um aspecto algo “serri-lhado” (Fig. 3: B e D). Na parte superior, adjacentes à protuberância distal – de contorno trapezoidal arredondado e com uma pequena depressão no topo –, existe, igualmente, e de cada um dos lados daquela, uma chanfradura bem polida, de perfil em V agudo (Fig. 2 A e B e Fig. 3: A e B). Numa das faces, que fixámos para esta descrição ser o anverso, foi visivelmente destruída no extremo superior esquerdo, como acima referimos, estrago que se estende ao reverso. Mesmo assim, está praticamente completa. No anverso destacamos um sulco gravado, bem marcado, porque largo e internamente polido, de desenho subquadrangular, que acompanha, pelo interior, todo o contorno do artefacto. Define um espaço interno muito bem polido e rebaixado relativamente ao contorno e onde se vislumbram vestígios de ocre, tendo ficado a confirmação desta substância, por análise química, para uma fase posterior do seu estudo (Fig. 2: A e B). De igual modo, se procederá a análises conducentes a verificar se esta superfície terá sido utilizada, como suspeitamos, para moagem ou outro tipo de manipulação de produtos particulares, designadamente colorantes.

No reverso, novamente um sulco (menos marcado que na outra face) acompanha, pelo interior, o contorno, mas delinea, já não uma figura sub-rectangular simples, mas antes se alonga no topo superior, esboçado em ogiva suave; coincide essa ogiva com a base do arranque da protuberância distal, tal como já fora desenhada por E. Shee (Twohig 1981, Fig. 12), o que reforça, também em desenho gravado, a figura idoliforme que a placa já personifica na sua tridimensionalidade (Fig. 2).

Reforçando triplamente o seu carácter antropomórfico, verificámos que existem indícios abrasivos indicadores da passagem dum fio/corda/correia que partiria da chanfradura do lado direito da protuberância distal, que se orientaria para a chanfradura inferior esquerda; e, igualmente, pelo anverso, essa mesma corda/correia, iria no sentido oposto, ou seja, orientar-se-ia para a chanfradura inferior do lado direito (Fig. 3: A).

Em síntese, se considerássemos a peça como uma figura real, diríamos que teria tido uma correia que passaria sobre o ombro esquerdo, adjacente à ca-

beça, dirigindo-se, de ambos os lados, para o lado direito. Esta poderia ser também a forma de preenchimento/transporte da peça, embora outros cruzamentos e entrelaçamentos, combinados com estes, também possam ter existido, mas são difíceis de verificar neste tipo de matéria-prima.

De qualquer modo, este indício pode ajudar a compreender representações que surgem noutros contextos megalíticos, e em arte rupestre (pintura e gravura) de ar livre, onde figuras rectangulares ou quadrangulares, providas de linhas horizontais paralelas, umas, cruzadas, outras, formando por vezes rectângulos internos, possam remeter para peças reais, em matérias-primas predominantemente perecíveis, que circulariam entre as comunidades neolíticas e calcolíticas (Sanches, 2009; Teixeira, 2017).

### 3.3. O esteio da Mamoa 4 de Alto de Madorras

Destaca-se este esteio pelo facto de exibir gravuras em ambas as faces – anverso e reverso –, coincidentes com motivos característicos de figuras antropomórficas tridimensionais da arte megalítica, pelo que a denominação mais adequada seja a de esteio-estela. O programa completo de estudos – levantamento 3D e multiespectral, assim como a análise geológica/petrográfica, e a identificação de factores de degradação e/ou destruição – encontram-se na sua primeira fase, pelo que os resultados que aqui adiantamos estão, salientamos, incompletos.

A peça tem contorno sub-rectangular, com 1,78 m de altura máxima, 0,76 m de largura máxima no terço inferior, e 0,43m de largura mínima na parte superior. Destaca-se na sua secção vertical um leve estreitamento na parte superior (Fig. 4). Marcas evidentes de extrações, provavelmente de picareta (durante a exploração antiga da mamoa?) estendem-se por todo o topo superior, que aparenta ter sido arredondado ou, pelo menos, mais regular, sendo que a configuração antropomórfica da “face” que se desenha no seu espaço frontal imediato, dá conta evidente de falta de material (Fig. 5: A e B).

Sublinham-se, então, no anverso – ou seja, na face que na sua utilização final estaria voltada para o interior da câmara do dólmen – a composição de um personagem mediante a conjugação dos recursos naturais/petrográficos e antrópicos (gravação).

Começamos pelo anverso. Em primeiro lugar, no topo, destaca-se um “plastrão” ou peitilho alargado a toda a largura da peça, de formato sub-rectangular, bem delineado pela tonalidade avermelhada, ferru-

ginosa, do granito, que contrasta com a cor muito mais clara (e sem cor vermelha) que lhe é adjacente e que não existe de modo contínuo noutras partes da peça. Estende-se do topo até cerca de 36 cm abaixo daquele.

Na parte superior deste peitilho, distintamente avermelhado, é desenhada, por gravação ténue, mas contrastante com o suporte colorido, uma face arciforme. Teremos, deste modo, uma gravura em negativo, sobressaindo dum fundo vermelho (Fig. 5: A e B).

O supramencionado peitilho pode querer remeter simultânea, ou cumulativamente, para uma máscara donde emergem alguns elementos faciais. Destacam-se ali duas covinhas, exprimindo os olhos, e um sulco vertical entre ambos, que se prolonga quase do topo da peça até, pelo menos, à base do peitilho, estando em avaliação se aquele se prolongará abaixo deste. É deste traço vertical que partem, para um e outro lado, duas ténues linhas, formando ângulo aberto, logo transformadas em arco, que envolvem, de cada lado, as covinhas pelo seu lado superior. O traço vertical central parece ter mais profundidade na zona mais próxima do arciforme – o que estaria mais de acordo com o desenho proporcionado do nariz –, e estando, abaixo, mais delido (Fig. 5: B). Na sequência do nosso trabalho, ainda em curso, iremos avaliar qual o processo de gravação, meteorização, ou outro, que provoca o contraste cromático na área aparentemente menos profunda deste traço central (zona inferior).

Merece destaque no terço inferior da peça uma figura subquadrangular, obtida por rebaixamento da superfície original através de picotado fino, contínuo, mas irregular. Tem, como dimensões aproximadas, 40-44 cm de largura por 55cm de altura, sendo tal figura encimada por uma pequena protuberância, também escavada, mas cujos contornos exactos são difíceis de definir devido ao lascamento da superfície na área contígua, do seu lado esquerdo. Na parte inferior esquerda e, no geral, em toda a área esquerda, a superfície está muito afectada por erosão, pelo que os contornos exactos, sendo mais difíceis de marcar nos modelos já realizados, impedem ainda que dela facultemos um desenho definitivo. No interior desta figura parecem vislumbrar-se ainda traços paralelos sub-horizontais, cuja natureza ainda teremos que melhor aferir.

No seu design global, muito formalizado, e inclusivamente nas proporções, podemos paralelizar esta figura gravada em negativo com a paleta descrita no

ponto anterior, sublinhando, todavia, que não têm as mesmas dimensões dado que esta figura do esteio-estela é maior.

Exibe-se ainda do lado direito desta figura sub-retangular e sendo a ela adjacente, um círculo alargado, gravado por traço largo de abrasão, em torno duma protuberância natural da rocha, de modo a destacá-la, ou seja, configurando-a em baixo-relevo. O reverso do esteio-estela está também muito deteriorado por erosão, incêndios, etc. Todavia, deve salientar-se que se desenha ali, por gravação, um sulco contínuo, de largura irregular, sub-horizontal, abrangendo toda a largura da peça e a c. de 41 cm do seu topo, destacando assim, nessa face, toda a sua parte superior (Fig.5: C e D). Adjacente a esta linha/demarcção/faixa, e abrangendo toda essa parte superior, gravou-se uma figura alongada em X – adorno em faixa cruzada? suspensório de fixação de correias? – que dá coerência ao conjunto, ao desenhar, na parte nobre da peça a indumentária de figuras antropomórficas reconhecidas noutras estelas. Porém, pelo facto deste sulco não se prolongar para as faces laterais, nem coincidir, em termos de altura, com o peitilho/face do anverso, não deve a peça ser entendida como uma figura tridimensional una do ponto de vista iconográfico. Mas antes, como uma estela com duas faces, ao mesmo tempo autónomas na sua iconografia e unas no seu suporte.

No topo superior esquerdo do reverso exibe ainda uma cruz, que provisoriamente atribuímos a uma época posterior, não pré-histórica.

#### 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES MAIS PERTINENTES

O estudo destas peças pertencentes a monumentos megalíticos, uma transportável (arte móvel) e outra fixa, encaminha-nos naturalmente para diversas questões inerentes à compreensão da intensa vida social e ideológica que os monumentos concatenam na sua ligação aos ancestrais, e que urge conhecer, particularmente na Necrópole/Planalto de Alto de Madorras (Murça e Alijó). Na realidade, é a necrópole como unidade, e os seus monumentos, peças e espaços – como rede histórica que se tece ao longo do tempo – que deve ser sublinhada pelo realce que esta documentação arqueológica confere a estas antigas topografias, tão familiares no Neolítico e tão abandonadas e “distantes” no presente.

Com efeito, mamoa, dólmenes, estelas exteriores aos monumentos ou inseridas nos seus dispositivos internos, menires, etc., têm sido tema de diversos e profícuos estudos, tanto no que respeita à “biografia” cultural dos monumentos – que, por vezes se estende por várias centenas ou mesmo um milhar de anos (Buena Ramírez *et al.*, 2014; Buena Ramírez *et al.* 2015; Fabregas Valcarce e Vilaseco Rodriguez, 2006; Tejedor Rodríguez, 2015) –, como ao claro delineamento dos “programas gráficos” megalíticos (Buena Ramírez *et al.* 2016) e que, no fundo, se relacionam estreitamente com a questão anterior: a da reformulação dos espaços megalíticos e dos seus monumentos.

Daí que o nosso objectivo, ainda não concluído, procure delinear as cadeias operatórias das duas peças em estudo, quer estas sequências possam vir revelar-se longas ou mais curtas no tempo. Porém, estas só serão cabalmente percebidas se se proceder à escavação (reescavação...) das mamoa 4 e 8 já que, em última análise, trabalhamos com informações de escavações antigas, muito difíceis de entender (na Mamoa 8) e com dados muito escassos, de prospecção, na Mamoa 4.

Partimos do pressuposto de que, neste último caso se tratava de um dólmen violado, e que o esteio-estela faria parte da sua estrutura megalítica. Porém, nem temos possibilidade de avaliar se tal mamoa alguma vez teve um dólmen já que H. Botelho narra que em 1896, em busca de tesouros, se escavou até ao solo de base, e de lado a lado, a *madorna grande* (Mamoa 6), mas “... no centro do túmulo não se viu o menor vestígio de câmara ou câmaras, nem de galeria que, a existir, deixaram á direita os de Parafita.” (Botelho, 1898: 185). Sabemos, hoje, que os monumentos megalíticos são muito complexos nas suas arquitecturas, pelo que esta informação somente abre a possibilidade da existência de estruturas internas dos *tumuli* que não se conformam com o “modelo” mais corrente que temos dos dólmenes.

Sendo inegável que bordejando a cratera de violação da Mamoa 4 existe uma estela cujo antropomorfismo se evidencia em ambas as faces, ela faria parte da estrutura existente na parte central do *tumulus*, fossem quais fossem as arquitecturas em questão. Conformada (de uma só vez?) para ser vista na sua tridimensionalidade, podemos aventar que pode ter estado fincada no terreno dentro do espaço desta necrópole, desempenhando aí um papel particular, antes de ser inserida na estrutura interna da mamoa

em construção. Ou, em alternativa, que este esteio-estela possa ter desempenhado o papel de estela antropomórfica fundacional da mamoa, como se registou com a laje de cabeceira da vizinha Mamoa 1 do Castelo (Jou-Murça) (Sanches *et al.* 2005). Sendo, na realidade, múltiplas as possibilidades da biografia de uso, tal como a bibliografia nos avisa com casos concretos, por ex., da Bretanha (Gavrinis, Table des Marchands) (Laporte e Le Roux, 2004), somente apontamos as duas hipóteses que nos parecem mais prováveis.

Deve, contudo, sublinhar-se que quer num caso, quer no outro o esteio-estela antropomórfica tem, no anverso, uma “face” muito esquemática sobresaindo dum peitoril e, no reverso, uma demarcação da parte superior com um desenho em X, remetendo para figuras regionais, de que as estelas do Cabeço da Mina são o melhor exemplo (Sanches, 2011: 157-162; Sanches *et al.*, 2021); ou para outras estelas megalíticas, no caso da representação facial em T, como é o caso da do dólmen 2 do Chão do Brinco (Cinfães) (Silva, 1996).

No que respeita à placa escavada na base do esteio, e sem se justificar aqui uma exaustão de comparações, ela remete realmente para um elevado número deste tipo de figuras, gravadas – por vezes por raspagem, no dólmen da Cruzinha – Esposende<sup>14</sup> (Sanches, 2009) – e pintadas em dólmenes e em arte de ar livre do norte e centro de Portugal, com destaque para o Cachão da Rapa (Sanches *et al.* 2021) e o tecto do abrigo 3 do Regato das Bouças-Mirandela (Sanches *et al.*, 2016). Pela proximidade formal à placa da Mamoa 8, chama-se a atenção para o facto de que tais configurações terão tido os seus correspondentes em artefactos de pedra, e, presumivelmente, em outras matérias perecíveis que o tempo fez desaparecer.

Na placa da Mamoa 8 destacamos então o seu nítido carácter antropomórfico, com corpo, ombreiras e “pescoço”, indiciando simultaneamente um “ser” ou “entidade”, e um artefacto. Relativamente à entidade, os vestígios da passagem de uma cinta ou correia, do ombro até à base, tanto podem relacionar-se com a transportabilidade da peça, como com a atribuição, àquela entidade, de uma correia ou cinta que faria parte da sua indumentária. Neste caso, cabe chamar a atenção para a sua semelhança com a estela antropomórfica do dólmen de Dombate (Coruña) (Bueno Ramírez *et al.*, 2016: Fig. 5) – usada ali como

14. Observação pessoal de MJS.

tampa no dólmen mais recente – com similar delineamento de “ombros” e de “pescoço”, e provida de uma longa figura gravada, sub-rectangular e alongada na vertical, inscrevendo-se então neste grupo de figuras megalíticas sumariamente delineadas no seu antropomorfismo.

Ao contrário do anverso, onde a gravação é de uma figura subquadrangular, no reverso tem a placa uma forma que termina em ogiva, sendo este mais um dos indicadores claros de antropomorfismo.

Em suma, considerando ambas as faces, interliga, numa só peça, dois desenhos tipificados da arte megalítica, que têm expressão máxima na arte da Bretanha – a figura quadrangular / sub-rectangular com apêndice superior bem demarcado e, por vezes, com o interior delineado internamente (Prajou Menir, Ile Longue, por ex.) e as figuras de contorno superior, ogival, que ali tanto surgem gravadas (Gavrinis, por ex.) como sob a forma tridimensional, em estelas (Shee, 1981: Fig. 6, 8; Laporte e Le Roux, 2004).

Esta placa tem, no anverso, e particularmente no interior da figura subquadrangular, claros vestígios de ocre, podendo ter sido usada, cumulativamente para moer / manipular esta ou outras substâncias, facto que ainda não pudemos apurar. Convém, no entanto, referir que diversas outras placas têm sido encontradas em contexto tumular (mamoas ou dólmenes), muitas vezes sob a forma de moinhos, e com vestígios de ocre ou matérias colorantes afins, de que devemos destacar a n<sup>o</sup> 1 da Mamoa 3 de Pena Mosqueira (Mogadouro), associada ao enterramento (Sanches, 1987), e datada pelo C14 do 2<sup>o</sup> quartel do 4<sup>o</sup> mil. A.C [CSIC-756- 4930±60 BP; 3774-3636 Cal BC 2σ]. Do mesmo modo, um objecto similar, sub-rectangular, alongado, serrilhado em ambas as extremidades, e com vestígios de um colorante avermelhado numa das faces, jazia, *in situ*, na passagem da câmara ao vestíbulo (mas ainda na câmara) do Monumento 1 de Chã de Arcas (Vila Pouca de Aguiar)<sup>15</sup>, no que parece ser mais um indicador da proximidade cultural de ambas as necrópoles transmontanas, tal como H. Botelho intuía.

15. Inédito. Informação que agradecemos a João Perpétuo, co-responsável da escavação. Em simultâneo, a equipa que assina este texto e João Perpétuo estão a construir, para estudo apurado, uma base de dados que contemple esta grande diversidade de peças, de que temos referencia tanto em Portugal como na Galiza.

## 5. ESTEIOS-ESTELA, PEÇAS ANTROPO-MÓRFICAS E OUTRAS DO DOMÍNIO DO EXTRAORDINÁRIO RECOLHIDAS EM MAMOAS DE MURÇA. SUA VALORIZAÇÃO NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DO PROJETO TSF

Este texto dá início ao estudo para valorização e educação patrimonial do património arqueológico de Murça, inscrevendo-se no âmbito do projeto TSF-Territórios sem Fronteiras (Murça-Portugal – Montereiri-Espanha).

Não falaremos aqui de cruzamentos deste património arqueológico pré-histórico com outro de outras épocas (sobretudo recintos e castros), uma vez que nos alongaríamos em demasia.

Porém, após a escavação de duas Mamoas (com dólmen) – Mamoas do Castelo 1, já restaurada, e Mamoas da Alagoa, ambas em Jou, concelho de Murça –, do trabalho de síntese sobre Monumentos sob *tumuli* de Susana Nunes, a par da escavação e musealização do Dólmen da Fonte Coberta (Chã, Alijó), tem pertinente sentido criar “territórios temáticos”, com base no conhecimento adquirido, neste caso sobre os monumentos megalíticos mais relevantes, de que a Necrópole de Alto das Madorras é, na realidade, duma importância internacionalmente reconhecida, mas não estudada.

### BIBLIOGRAFIA

ALLEY, Ronald E. (1996) – Algorithm Theoretical Basis Document for Decorrelation Stretch, NASA, JPL. <https://www.dstretch.com/DecorrelationStretch.pdf>.

BOTELHO, Henrique (1898) – Antas do concelho de Alijó. *O Archeologo Portugues*. IV, pp. 181-192.

BOTELHO, Henrique (n.d.) – Archeologia de Trás-os-Montes. *O Archeologo Portugues*. VIII, pp. 239-243.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; CARRERA RAMÍREZ, Fernando; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; BARROSO BERMEJO, Rosa María; DARRIBA BARBA, Xermán; PAZ, A. (2016) – Stones before stones: Reused stelae and menhirs in Galician megaliths. – *Public images, private readings: multi-perspective approaches to the Post-Palaeolithic rock art: proceedings of the XVII UISPP World Congress (1-7 September 2014, Burgos, Spain)*. Volume 5, Session A11e, 2016, ISBN 9781784912895, Archaeopress, pp. 1-16.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; DE BALBIN-BEHRMANN, Rodrigo; ROCHA, Leonor; OLIVEIRA, Jorge (2015) – Anthropomorphic image as origins of ancestor’s Caves. The stele-menhir of Ants do Telhal, Arraiolos, Évora, Portugal. *BAR-IS*, 2708, pp. 83-94.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; DE BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2016) – Megalithic art in the Iberian Peninsula: Thinking about graphic discourses in the European Megaliths. – *Fonctions, utilisations et représentations de l’espace dans les sépultures monumentales du Néolithique européen Aix-en-Provence*: Presses universitaires de Provence, pp. 185-203.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (1992) – *Megalitismo del noroeste de la península Ibérica: tipología y secuencia de los materiales líticos*. UNED – Universidad Nacional de Educación a Distancia.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramon; VILASECO RODRIGUEZ, Xosé (2006) – En torno al megalitismo gallego – FABREGAS VALCARCE, R. & CARRERA, F. (eds.) *Arte Parietal Megalítico en el Noroeste Peninsular. Conocimiento y conservación*, Torculo Ediciones. ISBN 84-8408-388-8, pp. 11-36.

GILLESPIE, A. R.; KAHLE, A. B.; WALKER, R. E. (1986) – Color enhancement of highly correlated images. I. Decorrelation and HSI contrast stretches. *Remote Sensing of Environment*, 20(3), 209-235. [https://doi.org/10.1016/0034-4257\(86\)90044-1](https://doi.org/10.1016/0034-4257(86)90044-1).

JAILLET, S.; DELANNOY, J. J.; MONNEY, J.; SADIÉ, B. (2017) – 3-D modelling in rock art research: Terrestrial laser scanning, photogrammetry, and the time factor. In *The Oxford Handbook of the Archaeology and Anthropology of Rock Art* (pp. 811-831). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190607357.013.45>.

LUHMANN, T.; CHIZHOVA, M.; GORKOVCHUK, D. (2020) – Fusion of UAV and terrestrial photogrammetry with laser scanning for 3D reconstruction of historic churches in Georgia. *Drones*, 4(3), 1-18. <https://doi.org/10.3390/drones4030053>

NUNES, Susana Andreia (2003) – Monumentos sob tumulus e meio físico no território entre o Corgo e o Tua (Trás-os-Montes): aproximação à questão, [https://www.academia.edu/101237811/Monumentos\\_sob\\_tumulus\\_e\\_meio\\_f%C3%A9sico\\_no\\_territ%C3%B3rio\\_entre\\_o\\_Corgo\\_e\\_o\\_Tua\\_Tr%C3%A1s\\_os\\_Montes\\_aproxima%C3%A7%C3%A3o\\_%C3%A0\\_quest%C3%A3o](https://www.academia.edu/101237811/Monumentos_sob_tumulus_e_meio_f%C3%A9sico_no_territ%C3%B3rio_entre_o_Corgo_e_o_Tua_Tr%C3%A1s_os_Montes_aproxima%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_quest%C3%A3o).

JORGE, Vitor Oliveira (1982) – Megalitismo do norte de Portugal: o distrito do Porto-os monumentos e a sua problemática no contexto europeu.

RAMOS, Nuno (2021) – Proposta metodológica de baixo custo para monitorização de arribas potencialmente instáveis: Aplicação no estudo do litoral de Torres Vedras. Relatório de Estágio de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/134793>.

SANCHES, Maria de Jesus (2008) – Arte dos dolmenes do noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica. *Portugal: Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP*. 29, pp. 5-42.

SANCHES, Maria de Jesus (2011) – As estelas antropomórficas de Picote – Miranda do Douro (Trás-os-Montes). – *Sabucale*, nº 2 Sabugal: CM Sabugal, pp. 143-174.

SANCHES, Maria de Jesus (2014) – Megalithic mounds and building social practices of identitarian nature in Northern Portugal, XVII World UISPP Congress 1-7 sept. 2014 – Burgos/Spain, communication in the session: Megalithic biographies?: cycles of use and closure.

SANCHES, Maria de Jesus; TEIXEIRA, Joana Castro; BARBOSA, Maria Helena; PERPÉTUO, João (2021) – Trespasando o tempo. Oculados e outras formas antropomorfas da Pré-história recente do Norte de Portugal. – *Ídolos: Olhares milenares. O estado da arte em Portugal*, 2021, ISBN 978-972-27-2941-3, págs. 77-100 Imprensa Nacional, pp. 77-100.

SANCHES, Maria de Jesus; NUNES, Susana (2004) – Resultados da escavação da mamoa d'Alagoa (Toubres – Jou) – Murça (Trás-os-Montes). *Portugalia*. XXV, pp. 5-42.

SANCHES, Maria de Jesus; NUNES, Susana (2005) – Monumentos em pedra numa região de Trás-os-Montes – Nordeste de Portugal. Sua expressão na paisagem habitada durante o 4º e 3º mil. BC. *Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO*. IV, pp. 53-82.

SANCHES, Maria de Jesus; NUNES, Susana; SANTOS SILVA, Margarida (2005) – A Mamoa 1 do Castelo (Jou) – Murça (Trás-os-Montes): Resultados dos trabalhos de escavação e de restauro dum Dólmen de Vestíbulo. *Portugalia*. XXVI, pp. 5-39.

SANCHES, Maria Jesus (1987) – A mamoa 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro). *Arqueologia*. 15, pp. 94-115.

SANCHES, Maria; MORAIS, Rafael; TEIXEIRA, Joana (2016) – Escarpas rochosas e pinturas na Serra de Passos/Sta Comba (Nordeste de Portugal). – *Estudos Pré-históricos* Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.

SANCHES, Maria; SANTOS SILVA, Margarida; NUNES, Susana (2001) – Levantamento arqueológico de Murça e área adjacente à ribeira de Lila (projecto LAMARL), Relatório Final apresentado ao IPA (compilação dos dados dos relatórios elaborados de 1998-2000). Lisboa: IPA.

SILVA, Eduardo Jorge Lopes da (1999) – Representações Antropomórficas da Mamoa 1 de Chão de Brinco: Cinfães, IN BARROCA, M. (ed.). *Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam*, vol. 2., Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 375-382.

TEIXEIRA, Joana (2017) – O Tempo Longo da Pré-história: Algumas incursões nos modos de povoamento e atuação social. – *Carvalho, L. F. C., Gomes & J. N., Marques (eds). Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua*. Ed. Afrontamento, pp. 46-168 (EDP S.A.).

TWOHIG, Elizabeth Shee (1981) – *The Megalithic Art of Western Europe*. Oxford: Oxford University Press.

YANG, S.; HOU, M.; LI, S. (2023) – Three-Dimensional Point Cloud Semantic Segmentation for Cultural Heritage: A Comprehensive Review. In *Remote Sensing* (Vol. 15, Issue 3). MDPI. <https://doi.org/10.3390/rs15030548>.

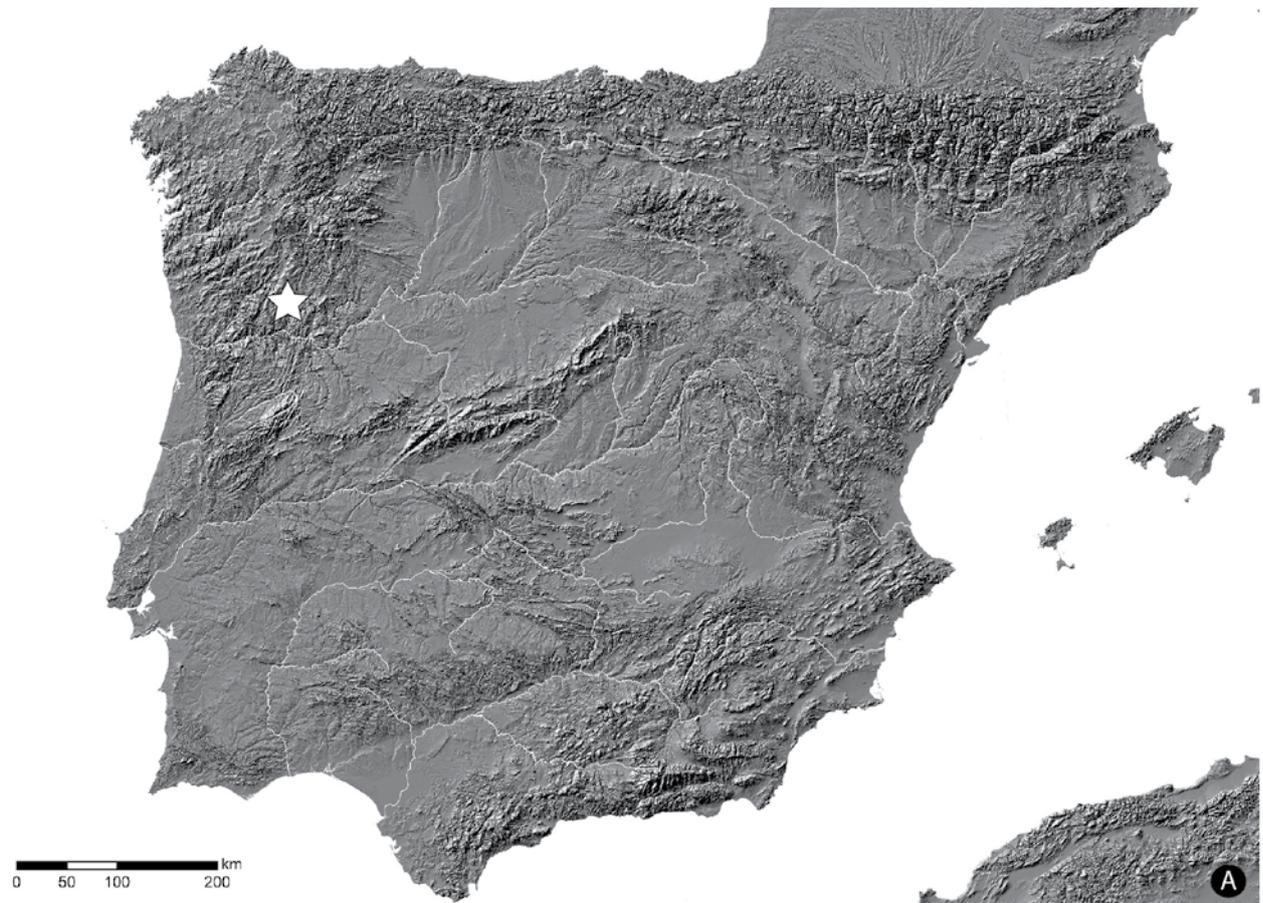


Figura 1 – A – Localização do Alto das Madorras na Península Ibérica; B – Levantamento aerofotogramétrico com recurso a *drone* da área da Mamoa 4, observando-se o esteio-estela no seu local de implantação, associado a uma cratera central na área da mamoa.



**B**

Figura 2 – Placa da Mamoa 8. A – Sombreamento do relevo da placa obtido por levantamento fotogramétrico de curta distância do anverso (à esquerda) e reverso (à direita); B – Registo fotográfico da peça no seu local de depósito, anverso (à esquerda) e reverso (à direita).

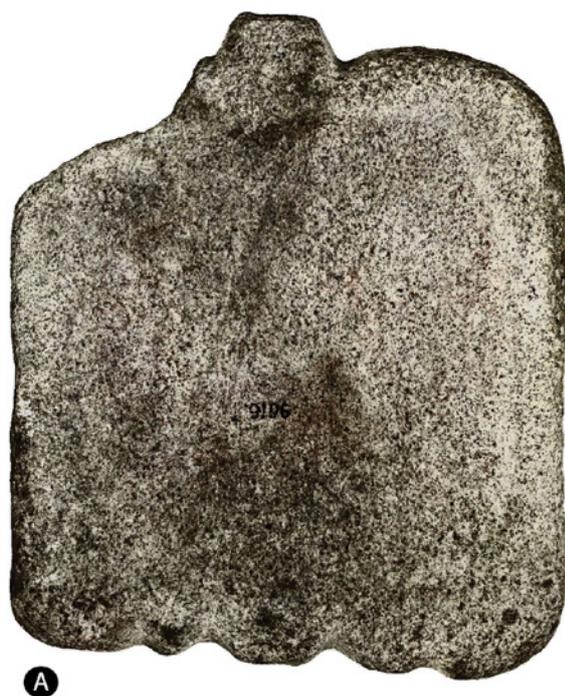


Figura 3 - Detalhes da Placa da Mamoa 8. A - Tratamento de decorrelação de cor sobre modelo 3D texturizado obtido por levantamento fotogramétrico de curta distância, evidenciando vestígios de pelo menos uma correia que atravessaria o corpo da peça partindo da chanfradura do lado direito da protuberância distal para a chanfradura inferior esquerda; B - fotografia evidenciando as 4 chanfraduras inferiores, observando-se ainda bem marcadas as duas chanfraduras distais; C - fotografia de detalhe da protuberância distal; D - fotografia do reverso da peça onde se observam bem as chanfraduras inferiores.

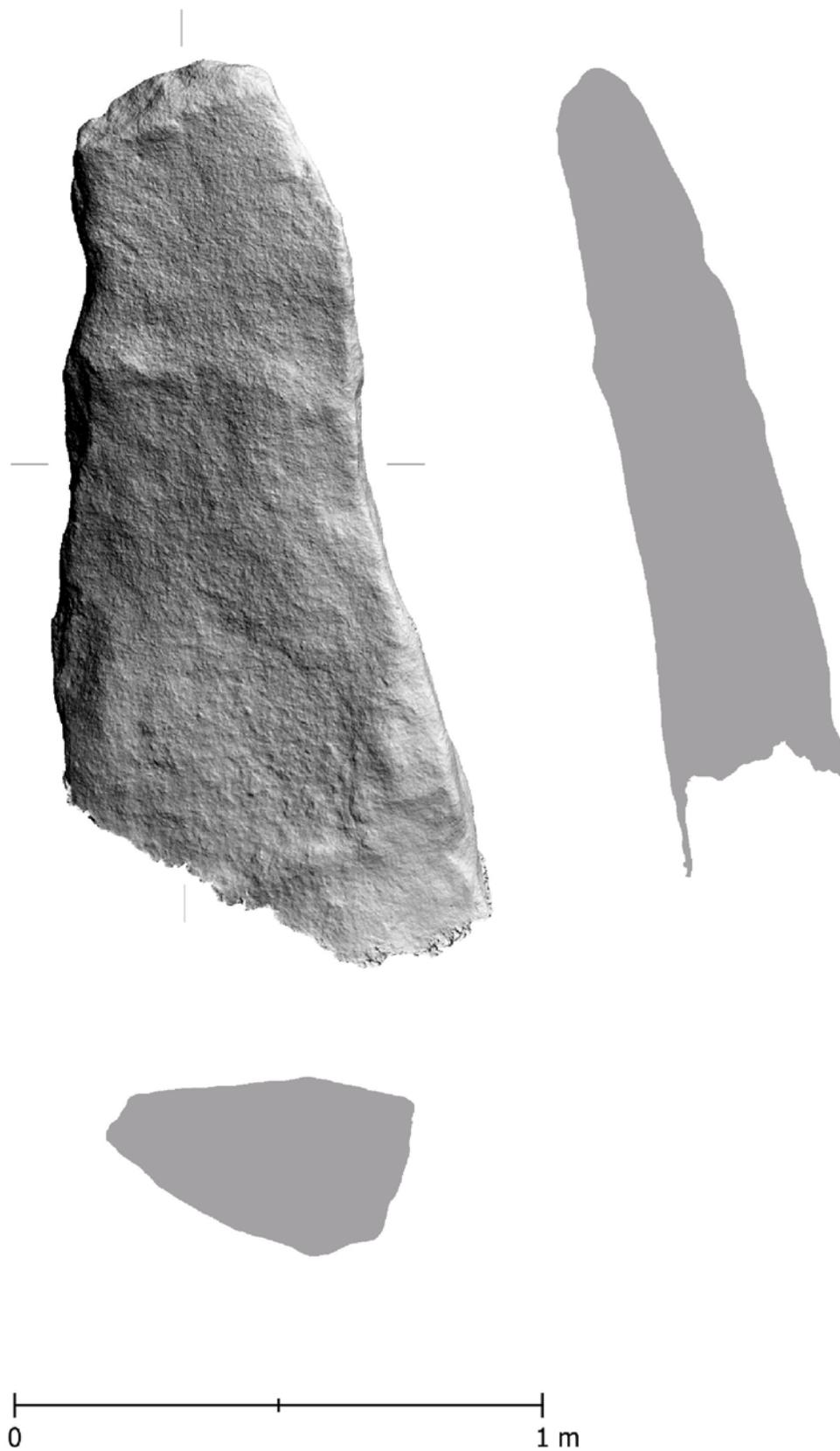


Figura 4 – Sombreamento do relevo obtido por levantamento fotogramétrico do esteio-estela da Mamoa 4 do Alto das Madorras.



Figura 5 - Esteio-estela da Mamoa 4. A - vista geral do anverso, onde se observa desde logo o carácter antropomórfico do contorno e volumetria do esteio e onde se observa igualmente a face gravada sobre o peitilho avermelhado, bem como a figura subquadrangular, obtida por rebaixamento da superfície original através de picotado fino e, à direita desta um círculo alargado, gravado em torno duma protuberância natural da rocha; B - detalhe do topo da peça, com a face marcada sobre o peitilho avermelhado; C e D - detalhes do reverso onde se distingue o sulco sub-horizontal e, acima dele, a figura alongada em X.



**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

  
INSTITUTO  
ARQUEOLÓGICO E  
ETNOLÓGICO  
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC  
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS

  
**CENTRO DE  
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**  
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos  
em Arqueologia,  
Artes  
e Ciências do Património**  
UI&D 281

**fct**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia  
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO  
CULTURAL**  
Responsável do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL  
DE MACHADO DE CASTRO**

**UNIMBRAGA**

 **seminário  
maior de coimbra**